



CARACTERES FEMINISTAS NAS PRINCIPAIS PERSONAGENS DAS OBRAS DE JANE AUSTEN

FEMINIST CHARACTERS IN THE MAIN CHARACTERS OF JANE AUSTEN'S WORKS

NICOLETI, Giovana Ribeiro¹;
NEVES, Renan Menegotto das².

RESUMO

Jane Austen foi uma importante escritora para a literatura feminina ao tecer críticas a sociedade patriarcal dominante dos séculos XVIII e XIX, que restringia o papel da mulher ao universo doméstico. Nesse contexto, o artigo procurou demonstrar e analisar as características do feminismo nas protagonistas “Marianne Dashwood” e “Elizabeth Bennet” que denunciavam as normas sociais da época, por meio da busca da autonomia e liberdade, na relação entre homens e mulheres, principalmente com a utilização do pensamento crítico a frente de seu tempo. Para isso, foi utilizada como metodologia de pesquisa a natureza básica, objetivo explicativo e descritivo, abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico com base nos livros da escritora, “Orgulho e Preconceito” e “Razão e Sensibilidade” e materiais bibliográficos científicos. Ademais, as personagens construídas em suas escritas, expressaram por meio de suas decisões, características do movimento feminista que discutia e ainda hoje debate a respeito da busca por direitos iguais. Portanto, Jane, ao fazer isso, externalizou seus pensamentos e ideais, trazendo grandes conquistas ao cenário literário, fixando-se no rol das principais autoras desse movimento.

Palavras-chave: Feminismo. Literatura. Protagonistas. Liberdade. Mulheres.

ABSTRACT

Jane Austen was an important writer for women's literature, criticizing the dominant patriarchal society of the 18th and 19th centuries, which restricted women's roles to the domestic sphere. In this context, this article sought to demonstrate and analyze the characteristics of the feminism over the protagonists "Marianne Dashwood" and "Elizabeth Bennet," who denounced the social norms of the time through the pursuit of autonomy and freedom in the relationship between men and women, primarily through the use of critical thinking ahead of their time. To this end, the research methodology used was a basic nature, explanatory and descriptive objective, a qualitative approach, and a bibliographic procedure based on the author's books "Pride and Prejudice" and "Sense and Sensibility," as well as scientific bibliographical materials. Furthermore, the characters constructed in her writing expressed, through their decisions, characteristics of the feminist movement that discussed and still debates the search for equal rights today. Therefore, Jane, by doing this, externalized her thoughts and ideals, bringing great achievements to the literary scene, establishing herself among the main authors of this movement.

Keywords: *Feminism. Literature. Protagonists. Freedom. Women.*

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, do Centro Universitário de Jales (UNIJALES), Jales - SP.

² Especialista em Língua Inglesa e Literatura Inglesa, orientador e professor do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Centro Universitário de Jales (UNIJALES), Jales - SP.

E-mail: giovanaribeironicoleti@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Jane Austen é uma importante romancista para a literatura de protagonismo feminino, por expor e representar em suas obras o cenário vivenciado por mulheres em meio a uma sociedade patriarcal, utilizando-se de um tom crítico e atemporal, que causou incômodo na época em que foram publicadas e nos séculos seguintes, principalmente no XX, onde registraram os primeiros escritos sobre a crítica feminista (Almeida; Cesar, 2024).

A escritora vivenciou um período da aristocracia inglesa, em que os papéis femininos estavam relacionados diretamente aos seus lares e ao casamento, por esse motivo, foram obrigadas a seguirem regras, sendo submissas, modestas e educadas em comparação aos homens, que eram vistos naturalmente com capacidades distintas, levando a desigualdade de gênero. Isso refletia em vários aspectos sociais que se tornaram predominantemente masculinos, como na educação, nos direitos e nos negócios (Zardini, 2011).

Nesse contexto, esta pesquisa evidenciou como Austen utilizou a necessidade de se criar figuras que denunciassem os problemas coletivos enfrentados, para não mais centrar o homem nas histórias e nos romances, trazendo a mulher como uma escritora assídua e não somente uma leitora passiva, algo que era defendido pela crítica feminista em sua primeira vertente (Bellin, 2011).

Diante disso, o artigo objetivou analisar e observar características feministas em personagens presentes nas obras de Jane Austen, com personalidades disruptivas e à frente de seu tempo, levando em consideração aspectos históricos e culturais da Inglaterra em plenos séculos XVIII e XIX.

Ainda, investigou as relações entre homem e mulher da época em estudo, por meio da literatura desta autora, realizou observações críticas acerca das protagonistas, bem como suas perspectivas dentro de um contexto ainda patriarcal, verificou e caracterizou o vocábulo “Feminismo” como algo contemporâneo, porém já existente no ideal e nas personalidades outrora escritas por esta romancista.

Para isso, utilizou-se como metodologia a pesquisa de natureza básica, objetivo explicativo e descritivo, abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico, tendo como base os livros “Orgulho e Preconceito” e “Razão e Sensibilidade”, de Jane Austen e materiais bibliográficos científicos adquiridos por meio de sites como o Google



Acadêmico, Periódicos Capes e SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*), escritos na Língua Portuguesa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A palavra “Feminismo” surgiu nos Estados Unidos por volta de 1911, pelos escritores, para substituir os termos do século XIX que representavam o movimento das mulheres em luta pelos seus direitos. Assim, o feminismo é teoria e prática, uma forma de cultura, uma ética, é a conscientização crítica das mulheres sobre a opressão e dominação do patriarcado em diferentes fases históricas, na procura de diversos meios que transformem a sociedade para que atinjam a liberdade e a democracia (Garcia, 2015).

Em oposição a esse movimento, temos o patriarcado, que diz respeito a um modelo de sociedade que possui em sua estrutura a forte dominação da figura masculina sobre as mulheres. Nele também, o poder de um rei, ou seja, monárquico, estaria relacionado diretamente ao poder paterno, que era a maior figura de autoridade de uma família. Isso gerou uma grande barreira legal para que as figuras femininas, tanto as burguesas, quanto as trabalhadoras exercessem plenamente os seus devidos papéis (Miguel, 2017).

Bellin (2011) afirma que durante a primeira fase do feminismo, como a literatura era predominantemente masculina, a mulher era colocada como uma leitora de obras onde as personagens eram estereotipadas e marginalizadas, sem qualquer influência no desenvolver da ação presente no enredo. Em contrapartida, a segunda onda trouxe a mulher como uma escritora que utiliza o seu pensamento crítico com o objetivo de salientar a importância desse gênero na literatura, expondo como são representadas devido a questões históricas e culturais.

Perante o exposto, Jane Austen apresenta esses temas em suas escritas ao criticar a situação das mulheres que tem seus destinos pré-definidos e sua independência anulada devido à dominação do patriarcalismo, tendo como referência tudo aquilo que acontecia em sua realidade, onde o sistema social acreditava que elas estavam ligadas somente ao universo doméstico e a família, portanto não deveriam ter acesso à uma educação de qualidade (Peres *et al.*, 2021).

A sociedade obrigava as mulheres a se casarem, tanto para manter a ordem social da época, quanto para garantir a sobrevivência delas, mesmo as pertencentes às classes mais altas, já que não podiam ter acesso às finanças e muito menos à herança familiar,



pois esse era um direito exclusivo do homem. Aquelas que não se casavam estavam destinadas ao sofrimento (Beauvoir, 1986 *apud* Freitas; Silva, 2017).

De acordo com Almeida e Cesar (2024), a autora nasceu na cidade de Steventon, na Inglaterra, no ano de 1775, em um lar pertencente a classe social da baixa nobreza. Era filha de Cassandra e George Austen, que era o tutor, provedor e responsável pelo sustento da família, juntos tiveram oito filhos, contando com ela e grande parte eram homens, que futuramente estudaram em sua casa.

Apesar da limitação da renda familiar, Austen e sua outra irmã receberam educação por meio de livros, o que a possibilitou tornar-se escritora. Assim, utilizou como base a sociedade moldada por acontecimentos históricos e começou a expor em suas escritas as contradições e mudanças de seu tempo, que invisibilizaram as mulheres pressionadas ao casamento (Ferreira; Rodrigues, 2018). Além disso, a relação que possuía com essa irmã foi importante na criação das heroínas, já que elas sempre eram acompanhadas por essa figura familiar, possuindo, portanto, vidas semelhantes (Cruz, 2014).

Nesse contexto, mesmo com tentativas anteriores, sua primeira obra vendida foi em 1803, intitulada “A abadia de *Northanger*”, publicada posteriormente com “Razão e Sensibilidade”, no ano de 1818, em anonimato com o pseudônimo de “*The Lady*”, época em que já era bem prestigiada por críticos. Após tamanho sucesso entre a população, em 1815, começou a passar mal e foi até Winchester para um tratamento da doença de Addison, que causou a sua morte. Ademais, vale ressaltar que apesar do tema central de seus livros, Jane nunca se casou (Austen, 2020).

De acordo com Cruz (2014), embora seus livros tenham sido escritos em vida, foram publicados com seu nome somente após sua morte, devido ao perigo causado pelo preconceito que esta enfrentaria ao ser conhecida como uma escritora, indo contra os costumes existentes na época, costumes estes que definiam que a vida da mulher, filha de um Nobre Homem, assim como era Jane, não poderia estar relacionada a formas de comercialização.

Escritoras como ela eram impedidas de ter uma boa atmosfera para a realização da escrita em comparação aos escritores, pois não recebiam uma renda mensal que garantissem as necessidades básicas, um lugar reservado para que pudessem escrever e a liberdade de vivenciar experiências como pessoas autônomas de suas futuras vivências. Por esse motivo, decidiu criar protagonistas heroínas que representassem o seu

descontentamento diante do cenário hostil causado pelo movimento opressor daquele período (Moura, 2015).

Mesmo que o processo de inserção das mulheres na escrita autoral tenha sido lento, foi fundamental para que elas se tornassem transformadoras da sociedade, visto que, rompia com o modelo imposto tradicionalmente, trazendo falas com o objetivo de ascensão social, utilizando-se de uma linguagem, um discurso e características próprias, que revelassem sua posição em relação a realidade que estavam inseridas. Por meio dos primeiros textos estabeleceu-se quem elas eram e quais os papéis enfrentados por elas, exigidos pelas normas sociais (Oliveira; Camargo, 2015).

Peres *et al.* (2021), afirma que as principais obras de Austen eram pertencentes ao Romantismo, um movimento literário que surgiu na Inglaterra, no ano de 1798, como reação à Revolução Industrial, revolta contra as normas iluministas e oposição à racionalização da natureza. Seus princípios tiveram origem com o romance gótico, que lidava com o psicológico dos personagens inseridos em um contexto de exploração dos trabalhadores e expansão da classe média, trazendo lugares com segredos sobrenaturais e o romance sentimental, que valorizava as emoções, colocando-as como condutoras da narrativa.

Diante disso, é necessário que entendamos o que se passa em cada obra estudada dessa autora, a princípio, “Razão e Sensibilidade” (1811) narra a história de Elinor e Marianne Dashwood, duas irmãs que viviam na Inglaterra e que logo após a morte do pai, foram criadas pela mãe, trazendo assim, grandes mudanças em suas vidas, principalmente por não poderem herdar o dinheiro da família, pois foi destinado ao irmão. Por esse motivo são convidadas por um parente para mudarem-se de cidade e de casa, sendo obrigadas a participar de novos ciclos, o que ocasionou diversos desafios e oportunidades para elas, fazendo com que a trama seja desenvolvida (Buzian; Ferreira, 2024).

Ademais, Buzian e Ferreira (2024) apontam que cada irmã apresenta suas características próprias, sendo distintas umas das outras nas formas de pensar e agir, mas que apesar disso, as duas se apaixonam por homens, que as levam a desilusões amorosas. Marianne confia seu coração ao Sr. Willoughby que a rejeita para se casar com uma mulher mais rica, o que a leva a ficar diante da morte por tamanho desengano, sendo domada pelo sentimento. Por outro lado, Elinor sente interesse pelo Sr. Edward Ferrars, entretanto, descobre sua indisponibilidade por estar comprometido a outra dama o que a faz sofrer de forma oculta aos olhos das pessoas que vivem ao seu redor, ou seja, é guiada por sua razão.

Enquanto a irmã mais velha é adepta aos modelos sociais de época sendo considerada um “anjo do lar”, Marianne destaca-se como a principal figura feminista da obra, ela apresenta comportamentos rebeldes em oposição às regras impostas às mulheres, que é o casamento em busca de estabilidade financeira, sem qualquer tipo de afeição, pois, em seu posicionamento seu marido deverá ser escolhido de acordo com o sentimento verdadeiro também nutrido por ele (Pontes; Oliveira; Lima, 2025).

Austen (2020, p. 17), reforça essa ideia ao colocar a afirmação vinda da própria personagem ao se referir a um futuro pretendente, “[...] eu não poderia ser feliz com um homem cujo gosto nem sempre coincide com o meu. Ele precisa compartilhar de todos os meus sentimentos; os mesmos livros e as mesmas músicas devem encantar a nós dois”. Em acréscimo, de acordo com Pontes, Oliveira e Lima (2025), é possível perceber uma postura inconformista, desobediente e insubordinada pela protagonista ao utilizar-se do sarcasmo e ironia em resistência e subversão às amarras impostas no século XIX, que as definem como delicadas e inocentes.

Segundo Moura (2015), a sua sensibilidade exacerbada era uma forma de demonstrar descontentamento e protestar indiretamente contra a sociedade, já que esse tipo de atitude era considerado inadequado para ela, não se rendendo à submissão e ao sentimento de impotência imposto pelo homem controlador, ela então busca a sua independência, vendo a si mesma como uma fonte de felicidade, dessa forma, chegando à conclusão que para isso não precisa da admiração do sexo masculino. A personagem também considera que a mulher que se restringe aos comportamentos padrões supérfluos é falsa e banal, prezando sempre pelo conhecimento e bom gosto.

Ainda, a autora escreve um diálogo em que Marianne responde Sir John, em relação a opinião sobre conquistar homens:

Essa é uma expressão, Sir John – disse Marianne calorosamente -, da qual particularmente não gosto. Abomino todas as frases de lugar comum que se pretendem inteligentes. “Lançar a rede” e “fazer conquistas” são as mais odiosas de todas. Sua tendência é grosseira e vulgar (Austen, 2020, p. 41).

A segunda obra estudada é “Orgulho e Preconceito” (1813), tem como enredo a necessidade de casamento das cinco irmãs Bennet (Mary, Kitty, Lydia, Jane e Elizabeth) antes da morte do pai, influenciadas pela obsessão da mãe nesse tema, já que a herança da família seria destinada ao parente masculino mais próximo, assim como estabelecido pelas leis britânicas. Diante disso, dois cavalheiros, Bingley e Darcy, chegam as proximidades e se integram no cotidiano dessas personagens, sendo o primeiro



classificado como par ideal a Jane. Darcy, ao contrário de seu amigo, é visto como uma pessoa arrogante e orgulhosa, não só pelas pessoas da vizinhança, mas também por quem almeja se casar, que é Elizabeth, conhecida como Lizzy (Cardoso; Lago, 2022).

De acordo com Cardoso e Lago (2022), após esses ocorridos, chegam mais dois homens à vizinhança, Wickham, um oficial do exército e Collins, primo que receberá a herança da família Bennet. Esses dois são responsáveis por realizar alguns feitos importantes para o desenvolvimento da história. Collins é responsável por pedir Elizabeth em casamento, porém é rejeitado, já o oficial, utiliza-se de suas palavras enganosas para fazer com que ela se magoe com Darcy. Isso é resolvido quando o cavalheiro decide enviar uma carta dizendo o que realmente havia acontecido, fazendo com que a moça percebesse o preconceito gerado em seus pensamentos.

Posteriormente, ao viajar com seus tios, Lizzy conhece a mansão de Darcy, onde ele retorna mostrando cordialidade e amizade à dama, surpreendendo-a, o que fez com que a sua perspectiva sobre ele mudasse em comparação ao início da relação. Porém, a viagem precisou ser interrompida, pois ela recebe uma carta de sua irmã Lydia, afirmando que havia fugido com Wickham, sem nenhum tipo de cerimônia. O cavalheiro então é convencido a se casar com a moça. Após esses acontecimentos, Elizabeth retorna à vila onde morava e lá é questionada sobre a possibilidade de se casar com Darcy, esse fica sabendo sobre o assunto e se dirige até ela para pedir sua mão, dessa vez, para surpresa de todas o pedido é aceito (Oliveira, 2015).

Como Jane Austen era uma mulher com pensamentos à frente de seu tempo, decidiu criar uma personagem com opiniões claras para questionar o papel das mulheres no século XVIII, foi a partir desse ponto que surgiu Elizabeth Bennet. Ela é uma heroína, questionadora, inteligente e de personalidade forte, que se utiliza de suas habilidades de reflexão, acompanhados de sarcasmos para tecer críticas ao cenário vivenciado, deixando claro às pessoas ao seu redor e aos leitores que não pertence ao padrão de perfeição esperado para uma mulher do lar (Azevedo, 2023).

A protagonista durante toda a obra é exposta a momentos de pressão para encontrar um marido, devido a sua idade e a posição na escala social de novos-ricos, portanto seu futuro pretendente deveria ter vários bens. Porém, a dama acredita no casamento por amor e não o arranjado, como era comum durante a aristocracia inglesa que desconsiderava as relações afetivas, se estabelecendo como um tipo de contrato de segurança futura. Isso mostra que os acontecimentos influenciam as escolhas das



personagens para conseguirem se adaptar aos grupos, mas com isso, acabam anulando a felicidade pessoal (Dias, 2024).

Para ela, casamentos por interesse, não são semelhantes a amar apaixonadamente, visto que, é relacionado a sentimentos incertos que surgem como se fossem emoções reais e intensas “[...] esta expressão amar apaixonadamente é tão gasta, tão duvidosa, tão indefinida... Ela não me traz nenhuma imagem clara. Muitas vezes é aplicada a sentimentos que surgem depois de meia hora de contato, como igualmente afeições reais e fortes” (Austen, 2023, p. 91). Além disso, Austen (2023), expõe durante o enredo uma afirmação vinda do narrador afirmando que se as opiniões dela sobre o ideal de felicidade conjugal fossem as mesmas baseadas em seus familiares, certamente não seria uma das melhores escolhas.

Dias (2024) afirma que Lizzy representa a mulher independente das amarras sociais e intelectuais, desafiando todas as expectativas alheias, em consequência de que naquele tempo não era bem-vista uma mulher crítica ou até mesmo que queria ter o mesmo direito dos homens. Ainda, é a personificação da habilidade da escritora em captar a essência dos humanos e a relação que eles têm com os outros, isso faz com que o seu trabalho percorra vários séculos com temas atuais, provocando assim, o pensamento reflexivo no leitor.

Diante de todo o exposto, segundo Freitas e Silva (2017), a literatura feminina em que a mulher é escritora, como Jane Austen, foi e ainda é extremamente importante, porque ela ascendeu a mulher, tornando-a capaz de ser o sujeito de seu próprio destino, dessa forma, excluindo o ideal que as colocavam como parte fundamental para a manutenção social. Também é uma forma de liberdade, mesmo com as barreiras que enfrentavam, como a falta de acesso à educação e o preconceito que as consideravam como inferiores, foram capazes de dar voz ao próprio gênero, provando que são capazes de passar por suas limitações e de escrever seus nomes na história que muitas vezes é estéril.

3 CONCLUSÃO

Portanto, com essa pesquisa foi possível concluir que as protagonistas criadas nas obras de Jane Austen possuem características feministas em seus comportamentos, pensamentos e ações, pois elas, mesmo diante de toda opressão social, buscaram conhecimento e seus direitos como pessoas e como mulheres, mesmo não sendo



pertencentes ao sexo masculino opressor e patriarcal. Marianne e Elizabeth foram construídas dessa forma pois refletiam a mente da escritora e externalizavam os padrões estéticos comportamentais típicos de mulheres a frente de seu tempo. Utilizando em sua escrita uma essência crítica e atemporal, Jane conseguiu se fixar no rol de autoras feministas que trouxeram grande relevância e importância para o cenário literário, construindo em suas personagens o sentimento de não aceitação do casamento como uma obrigação e um arranjo, além do mais considerando como uma opção devido a um sentimento, um amor de verdade. Obras como “Orgulho e Preconceito” e “Razão e Sensibilidade” trazem à luz o uso da ética e do comportamento feminino, quebra de paradigmas e dogmas no que tange ao lugar pertencente à mulher na sociedade, não sendo apenas considerada para cuidar da família, do marido e de casa. Obras estas que subsistiram e rechaçaram a figura masculina como dominadora e possuidora da mulher. Assim sendo, muito ainda há que se caminhar e evoluir, no entanto, obras realizadas outrora por esta autora ajudaram a iluminar e cravejar este caminho de pedras e contribuições para que hoje estejamos colhendo estes frutos vindouros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gabriel Rocha Lemos de.; CESAR, Thays Carvalho. As mulheres de Jane Austen: feminismo e resistência à sombra do patriarcado. **Cadernos Intersaberes**, Curitiba, v. 13, n. 47, p. 5-17, 2024. Disponível em: <https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/3191>. Acesso em: 17 mar. 2025.
- AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Barueri: Garnier, 2023. 239 p.
- AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. São Paulo: Via Leitura, 2020. 319 p.
- AZEVEDO, Manoela Lima. **Análise descritiva de duas traduções para o Português de Orgulho e Preconceito, de Jane Austen, com foco na ironia da personagem Elizabeth Bennet**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75099>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- BELLIN, Greyce Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista Fronteiras**, São Paulo, n. 7, p. 1-11, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiras/article/view/12201/8846>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- BUZIAN, Maria Luiza Ribeiro; FERREIRA, Carla Alexandra. Além da Razão e Sensibilidade: uma leitura das protagonistas de Jane Austen. **Interfaces**, Guarapuava, v.



15, n. 2, p. 123-133, 2024. DOI: 10.5935/2179-0027.20240027. Disponível em:
https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/7759/5767.
Acesso em: 15 mar. 2025.

CARDOSO, Anna Carolyna Ribeiro; LAGO, Neuda Alves do. As mulheres em Orgulho e Preconceito: representação feminina no Romance Austeniano. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 9, n. 1, p. 33-45, 2022. Disponível em:
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3849>. Acesso em: 29 maio 2025.

CRUZ, Marcela Dutra de Oliveira Soalheiro. **Jane Austen é pop – o papel do leitor e do espectador na *Austen Mania***. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em:
https://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese_mestrado_2014_marcela_dutra_de_oliveira.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

DIAS, Juliana Cordeiro. **O gosto da modernidade e a construção da personagem Elizabeth Bennet no romance Orgulho e preconceito, de Jane Austen**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2024. Disponível em:
<http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/15209>. Acesso em 2 jun. 2025.

FERREIRA, Carla Alexandra; RODRIGUES, Raquel Teresinha. Jane Austen: uma leitura de *Becoming Jane* (2007). **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 11-30, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7917.2018v23n1p11>. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2018v23n1p11/36261>. Acesso em: 30 mar. 2025.

FREITAS, Dayane Cristina de; SILVA, Thiago Lemos. A literatura como narrativa do passado: Jane Austen e a mulher inglesa do século XVIII. **Revista Perquirere**, Patos de Minas, v. 14, n. 3, p.61-78, set./dez. 2017. Disponível em:
<https://revistas.unipam.edu.br/index.php/perquirere/article/view/3347>. Acesso em: 8 jun. 2025.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. 3.ed. São Paulo: Claridade, 2015.

MIGUEL, Luis Felipe. Voltando à discussão sobre capitalismo e patriarcado. **Revista Estudos Feministas**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 1219-1237, set./dez., 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1219>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/gN8FXQpQLCPHrzDMqd4XWzB/?lang=pt>. Acesso em: 8 jun. 2025.

MOURA, Fernanda Korovsky. **A sensibilidade de Marianne Dashwood: um olhar feminista sobre a personagem de Jane Austen**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 5 fev. 2015. Disponível em:
<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/8902>. Acesso em: 17 maio 2025.



OLIVEIRA, Mariana Amaral. **Orgulho & Preconceito**: um estudo sobre o papel da mulher na sociedade da Inglaterra provinciana do século XVIII. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2015. Disponível em:
<http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/15209>. Acesso em: 31 maio 2025.

OLIVEIRA, Romair Alves de; CAMARGO, Flávio Pereira. Escrita feminina: uma forma de resistência. **Via Litterae**, Anápolis, v. 7, n. 2, p. 329-349, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/4799>. Acesso em: 8 jun. 2025.

PASSOS, Michelle de Andrade. O orgulho e a persistência dos livros de Jane Austen. *In*: SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA, 5., 2019, São Cristóvão. **Anais Eletrônicos do V SEFELI**. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2019. p. 258-266. Disponível em:
<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/12701>. Acesso em: 29 out. 2025.

PERES, Cristina Moraes Coelho *et al.* As personagens femininas nas obras de Jane Austen. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 20, n. 45, p. 165-177, 2021. Disponível em:
<https://www.revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2593>. Acesso em: 18 maio 2025.

PONTES, Franciso Edinaldo de; OLIVEIRA, Ana Flávia da Silva; LIMA, Jaqueline Vieira de. Imanência e dissidência: Elinor e Marianne como representações do feminino, em *Razão e Sensibilidade*, de Jane Austen. **Revista Decifrar**, Manaus, v. 13, n. 25, p. 1-18, 2025. DOI: <https://doi.org/10.29281/rd.v13i25.17669>. Disponível em:
<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/17669/11049>. Acesso em: 2 maio 2025.

ZARDINI, Adriana Sales. O universo feminino nas obras de Jane Austen. **Em tese**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p.1-14, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/1982-0739.17.2.156-169>. Disponível em:
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3731/3695>. Acesso em: 23 mar. 2025.